

Comunicados da Diretoria de Publicidade Agrícola, da Secretaria da Agricultura

A LAVOURA EM NOVEMBRO

Cultura do amendoim — Broca do algodoeiro

Notas de autoria do prof. Carlos Teixeira Mendes:

Este mês é uma continuação, sem interrupção, do precedente, no que se refere aos trabalhos agrícolas. Nêle podemos terminar quase todos os trabalhos que não puderam ser concluídos em outubro. Completam-se as lavras atrasadas. Iniciam-se, muitas vezes, as culturas de milho, arroz, algodão e cana, embora um pouco tarde para a sementeira do arroz não irrigado, e principalmente para a do algodoeiro.

O amendoim — Cultura que está assumindo grande importância na fabricação de óleos comestíveis, pode ser iniciada desde outubro; é, porém, preferível realizar sua sementeira em novembro. Sua cultura processa-se semelhantemente à da batatinha e, portanto, dispensa detalhes descritivos.

O que mais importa conhecer é que prefere as terras silicosas férteis. Semeia-se em linhas distantes, entre si, de 0,80 m. a 1,00m., e nestas uma semente de 8 em 8 cms., mais ou menos. Requer vários cultivos e, pelo menos, duas amontoas: uma após o primeiro florescimento e a outra após o segundo.

A broca do algodoeiro — Nas plantações iniciadas em princípios de outubro, desde meados ou fins de novembro começam a manifestar-se os efeitos do mal. As plantas que se mostrarem amareladas, murchas, definhadas, principalmente em dias de sol ardente, estão denunciando, quase sempre, o ataque daquele inseto, que dentro em breve reaparecerá sob a forma de pequeninos besouros, atacando maior número de plantas, aumentando a infestação, tornando-se praga cada vez mais prejudicial.

É dever do agricultor fazer percorrer tôda a cultura, e arrancar, com a raiz principal, as plantas de aspecto duvidoso. Retiradas daí, deixadas três ou quatro dias ao sol, devem ser incineradas para a destruição das larvas que contiverem.

Nas invasões iniciais é o melhor remédio que se pode aconselhar, porque do contrário a praga se multiplicará e em poucos anos infestará de tal modo o terreno, que se torna impraticável aí a cultura econômica do algodoeiro.

A LAVOURA EM DEZEMBRO

Combate ao coruquerê — Culturas de batata doce e cará

Notas de autoria do Prof. Carlos Teixeira Mendes:

Os trabalhos agrícolas dêste mês, parece, deveriam resumir-se aos tratos culturais, pois tôdas as culturas já devem estar nascidas, em pleno crescimento, e o “mato” a crescer desmedidamente.

Ao lado dêsses cuidados, outros existem porém, pelo menos em relação à “broca” do algodoeiro e ao “coruquerê”. Quanto ao primeiro, devemos intensificar a vigilância que aconselhamos no capítulo anterior e, quanto ao segundo, não esquecer que é daqui em diante que se tornam perigosos seus ataques.

Como se trata de mês normalmente muito chuvoso, com poucos dias favoráveis ao emprêgo de inseticidas, convém, nas culturas muito extensas ou de grande valor, praticar as pulverizações inseticidas como **tratamento preventivo**, isto é, mesmo não havendo infestação.

Essas pulverizações são feitas com 400 ou 500 grs. de um dos arseniatos (de cálcio, de chumbo ou de alumínio), dissolvidos em 100 lts. de água, se o inseticida é em pó; o dôbro daquelas quantidades se for adquirido em pasta.

O agricultor não deve se esquecer que tendo as plantas mais ou menos dois meses de vida, possuem um porte ainda pequeno e qualquer invasão do “coruquerê” produz efeitos muito mais rápidos e mais desastrosos que quando o algodoeiro já tem atingido seu máximo desenvolvimento.

Nas infestações muito intensas, quando urge atacar o mal em menos tempo, pode ser empregado o “Verde Paris”, em pó, perfeitamente misturado com 5,6 ou 7 vezes seu pêsô de farinha de trigo. Trata-se de um inseticida evidentemente menos próprio sob vários pontos de vista, mas recurso precioso quando a questão se resume no tempo de emprêgo e na rapidez de ação.

Além dos cuidados em relação a essas duas pragas, surge a necessidade de zelarmos pelos “regos mestres” das culturas que foram realizadas em curva de nível. Repassá-los com o “sulcador” tôdas as vezes que se revelem muito carregados da terra, inevitavelmente trazida para êles pelas máquinas e pelas chuvas.

De culturas não estudadas anteriormente, vamos lembrar ainda a da **Batata doce** e a do **Cará**.

Nem por ser tão conhecida e tão cultivada em nosso Estado, a batata doce nos dispensará de lembrar que as duas variedades mais disseminadas se distinguem, entre si, simplesmente pela coloração dos brotos e das fôlhas novas; uma as tem verdes, outra, roxas. Esta é melhor que aquela.

Todo o agricultor sabe que são cultivadas em leiras, ou camaleões de terra, nos quais se plantam pedaços de rama madura, mas nem todos sabem que os adubos fosfatados, principalmente a **farinha de ossos**, determinam grande aumento de produção e, de modo notável, melhoria de gôsto.

Pode a batata doce ser plantada durante todo o mês de dezembro e de janeiro. Sendo uma planta de, praticamente, cinco meses de ciclo vegetativo, vamos tê-la em condições de ser colhida de maio em diante, até novamente se iniciarem as chuvas, quando começa a se tornar menos prestável para fins ordinários.

A cultura do **Cará** faz-se, em tudo, semelhantemente à da batata doce: leiras altas, bem preparadas, nas quais, guardando uma distância aproximada de 30 cms., se localiza um pequeno cará, ou seja a semente, já que esta planta não se multiplica por meio de rama.

A LAVOURA EM JANEIRO

Adubos verdes — Coruquerê

Notas do prof. Carlos Teixeira Mendes:

Mês normalmente muito quente e excessivamente chuvoso, pouco se presta para o início de grande número de culturas. Sendo muito quente e muito chuvoso, fornece às plantas os elementos de máxima vegetação, tanto em relação às culturas como em relação às ervas más. Daí a necessidade de maiores cuidados com as capinas, ainda que mais trabalhosas e menos aproveitáveis.

Há culturas, como a do cafeeiro, por exemplo, que suportam por mais tempo a concorrência do “mato”; outras há muito mais sensíveis. Dentre estas convém salientar a do algodoeiro, já que tem assumido tamanha importância em nosso Estado. É preciso que o agricultor dê não descuide em fase alguma de seu crescimento, principalmente nos meses de máximo desenvolvimento (janeiro-fevereiro), porque do contrário haverá grande queda de produção.

O mês de janeiro, já dissemos, pouco se presta para o início da maioria de nossas culturas. Podemos contudo realizar a semeadura das seguintes plantas, quase todas de cultivo menos comum em nosso Estado, mas com as quais é necessário nos irmos habituando.

Adubos verdes, como cultura intercalada à do milho

Quer a **Mucuna**, quer o **Feijão de Porco**, podem ser semeados durante a segunda metade desse mês, porque terão tempo bastante para se desenvolver, sem prejudicar a cultura principal, que, em breve, entrará em declínio, podendo vegetar até abril ou maio, aumentando a quantidade de matéria orgânica a ser enterrada, logo após a colheita do milho. É prática que beneficia enormemente a cultura que se seguir no mesmo terreno.

Podemos, do mesmo modo, semear a mucuna destinada a ser fenada em abril ou maio, época de todo favorável a tal operação.

Sempre insistimos nêsse ponto de vista e não nos cansaremos de o fazer. Nossos animais quase só se alimentam de gramíneas; raramente recebem uma torta ou uma leguminosa mais rica em azoto e, principalmente, em cálcio.

Já que não é tão fácil realizar uma cultura com alfafa, a rainha das forragens, cultive-se ao menos a mucuna que, em cultura facilima, pode se tornar um bom substituto daquela.

Para isso obter, é bastante, em terreno bom, comumente lavrado e preparado, semear a mucuna intensamente (em linhas distantes entre si de 0,80 m a 1,00 m., ou em pequenas covas à distância de 50 cms., nos dois sentidos, com 2 ou 3 sementes por cova), tratá-la com uma ou duas capinas e, antes do inverno, logo que se inicie seu florescimento, cortar, ferrar e amontoar. Não pode haver feno concentrado mais barato

Coruquerê — O coruquerê, essa lagarta tão voraz e tão destruidora dos algodoais, pode manifestar-se desde muito cedo, desde novembro mesmo; seus ataques mais prováveis e mais intensos, porém, coincidem com a época mais quente e mais úmida do ano, isto é, janeiro e fevereiro.

É dever, portanto, de todo agricultor precavido, ter sempre à mão os inseticidas necessários e os meios de empregá-los, tão depressa irrompa o mal.

O agricultor sabe que deve empregar uma solução de 400 ou 500 grs. de um dos arseniatos (de cálcio, de chumbo ou de alumínio) em 100 litros de água, tratando-se da droga em pó, ou do dôbro dessas quantidades, se estiverem sob forma de pasta, pulverizando com ela, não só a parte atacada como, por precaução, todo o resto do algodoal.

Batatinha e Batata Doce — Milho para silagem

Batatinha — Neste mês pode ser iniciada a plantação da "batatinha da seca", o que, entretanto, é um pouco cedo e menos aconselhável, já por que contamos com excesso de chuvas e, portanto, dificuldades de trabalhos, já porque sua colheita

pode ainda coincidir com época úmida, se as chuvas se prolongarem até fins de Março, o que trará inconvenientes em relação à conservação do produto.

A batata doce — Todo o agricultor sabe bastante a seu respeito, e sabe também que a melhor época de plantar as ramas nas “leiras” é a de janeiro-fevereiro, mas provavelmente não sabe que as adubações fosfatadas, principalmente a de farinha de ossos, não só aumentam muito a produção, como influem sensivelmente na melhoria do sabor.

Dentre as muitas variedades existentes, duas estão consagradas pela prática: a de brôto verde e a de brôto roxo. Quanto ao sabor e preferências do mercado, a de brôto roxo é evidentemente melhor.

Milho para silos — Para criadores, que tratam de animais estabulados, o silo é um auxiliar quase indispensável, em virtude de nossas condições climatéricas. Quer se trate de grandes silos aéreos, geralmente caros, quer se trate de silos subterrâneos, de tão simples construção, o certo é que a matéria a ser ensilada deve estar criada até o mês de março ou de abril.

Dentre as plantas que mais se recomendam para encher silos, destaca-se o milho, o qual pode ser encarado sob duas modalidades: milho semente, e milho enriquecido por uma leguminosa, como a mucuna. De qualquer dos dois modos terá alcançado sua produção máxima e o máximo de riqueza armazenada, compatíveis com o estado de imaturação requerida pelo fim que tem em vista quando tiver percorrido 80 ou 90 dias de seu ciclo vegetativo. Adicionando-se mais uns 10 dias, desde a semente até a plena germinação, teremos aproximadamente 100 dias, da plantação ao corte, isto é, quando apresenta “milho verde”. Como é mais cômodo proceder-se à carga do silo em dias menos chuvosos, isto é, fins de março ou princípios de abril, a época da semente do milho, que a tal fim se destine, está por natureza determinada: fins de dezembro ou princípios de janeiro.

A cultura é simples: lavrada a terra, procede-se à semea-

dura de uma variedade de grande porte, procurando guardar entre as linhas uma distância de 60 cms., mais ou menos. Nestas, procedendo-se à sementeira com abundância de sementes, só se praticará o “desbaste” se o número de plantas por metro linear exceder de 6 ou 7.

Três meses e pouco, depois, quando as plantas mantêm ainda mais de 50% de suas folhas verdes, e já apresentam o “milho de leite ou milho verde”, é chegado o momento de praticar-se o corte.

Esta cultura exigirá no máximo uma capina, realizada de 10 ou 15 dias após a sementeira, ou quando se praticar o desbaste, o que se dará pouco mais tarde.

Desejando-se enriquecer essa forragem com uma leguminosa (a mucuna, preferivelmente), devemos semeá-la ao mesmo tempo que o milho, se desejarmos um máximo de enriquecimento, ou 10 ou 12 dias após a germinação do milho, entre suas plantas, se preferirmos menores proporções de leguminosa.

A LAVOURA EM FEVEREIRO

O feijão da seca e a batatinha

Notas de autoria do prof. Carlos Teixeira Mendes:

O feijão da seca — Tanto em cultura exclusiva como em intercalar, o feijão encontra neste mês a melhor época de sementeira, porque, ao contrário do que muita gente supõe, se trata de uma das plantas mais sensíveis ao decorrer do tempo. Basta que seja plantado tardiamente, que não encontre tempo de todo favorável, ou seja atingido por frios precoces, para não mais produzir aquilo que dêle se esperava.

Sendo planta de três meses de ciclo vegetativo, deve ser semeada em princípios de fevereiro, para ser colhido em princípios de maio, percorrendo todo o seu ciclo sem ser atingido pela falta de chuvas nem pelos frios de fim dêsse mês.

Essa mesma planta pode ser cultivada, com bons resultados, como cultura intercalada à do milho.

Imagine-se uma cultura dêste cereal, semeada com 1,20 ms

mais ou menos, de espaçamento entre suas linhas, iniciada em fins de outubro ou princípios de novembro. Lá por fevereiro, ela já terá percorrido mais de três meses de sua vida e irá entrar em declínio de vegetação.

Como não é possível estabelecer datas exatas, digamos que a sementeira do feijão, entre as linhas de milho, deve ser realizada quando as folhas dêste começam a tornar-se amareladas e pendentes, permitindo assim a penetração da luz entre suas linhas.

Nessa ocasião, após um cultivo bem feito, semea-se o feijão, uma linha única ao meio das ruas de milho, em pequenas covas, distantes uns 50 cms. umas das outras.

Como chove bastante e o ambiente é de todo favorável, nasce rapidamente e cada vez exigirá mais luz e mais calor. A cada dia que passa, cresce o feijão e amadurece o milho, cujas folhas vão permitindo maior insolação.

No fim de três meses, temos o feijão em estado de ser colhido. Produz menos que em cultura exclusiva, porém, economicamente. Realizada a colheita do feijão pelos processos usuais, proceder-se-á à do milho.

A batatinha — Planta que já faz parte integrante de nossas culturas, a batatinha pode ser plantada em duas épocas distintas: de julho em diante se chover, até setembro e mesmo outubro e em fevereiro-março.

A da primeira época é chamada "batatinha das águas", porque, como é raro poder ser plantada antes de setembro, sua colheita realizar-se-á forçosamente em tempo chuvoso. A da segunda época chama-se, entre nós, "batatinha da seca", porque, ao contrário da primeira, terá sua colheita em abril ou maio, meses êsses geralmente secos.

Em igualdade de condições, a primeira é mais produtiva, mas seu produto é de mais difícil conservação, enquanto que na segunda, reinando tempo mais seco e mais fresco durante a maturação e colheita, seus tubérculos, além de serem de melhor qualidade, conservam-se melhor.

De um modo geral, podemos dizer que a melhor época de

plantação da batatinha é todo o mês de fevereiro, prolongando-se, se quisermos, até meados de março, com a condição, porém, de se tratar de terras bem apropriadas, isto é, silicosas férteis.

Na cultura da batatinha, um dos problemas mais sérios é o da obtenção de boa "semente", isto é. dos tubérculos para tal fim.

Estes devem ser de tamanho médio, com brotamento iniciado e **levemente murchos**. Os que se apresentam rijos, túrgidos, não devem ser plantados. Do mesmo modo, é má a semente que se mostra excessivamente murcha.

Outra questão muito importante, além das relativas às adubações, é a da rotação de culturas. O agricultor, depois de dois ou três anos de cultura no mesmo terreno, deve variar de lugar, para conseguir a diminuição de moléstias em suas plantações, o que é de relevante importância nesta cultura.

Cana de açúcar — Mandioca — Soja — Coruquerê

Coruquerê — Deve continuar a receber os mesmos cuidados.

Cana de açúcar — A chamada **cana de ano e meio**, isto é, a cultura que, iniciada nesta época, só estará pronta para a colheita de junho do ano seguinte em diante, ou, praticamente, com um ano e meio de vegetação, pode ter sua plantação iniciada neste mês.

Admitindo-se que possamos preparar a terra nessa época, que nem sempre é excessivamente chuvosa, podemos realizar a plantação durante todo esse mês e o de março, porque a cana, encontrando umidade e calor bastantes para vegetar, nasce e começa a desenvolver até maio. Ao entrar o frio, ela estaciona, quase sem vegetação alguma, durante o inverno, para reiniciá-la de agosto ou setembro em diante, logo que se iniciem as chuvas. Se sobrevierem geadas fortes, roça-se a cultura, sem o menor inconveniente. Esta cultura rende mais que a

de ano, e seria mesmo a mais aconselhável, sob o ponto de vista econômico, nas culturas de menores extensões, se não houvesse falta de terras boas.

Depois do primeiro corte, as "socas", mais ou menos curáveis, segundo as qualidades de terra e da variedade, serão cortadas anualmente daí por diante.

Dentre os muitos detalhes que mereceriam ser estudados, dois se destacam por sua importância: plantar em sulcos fundos, bem feitos, para obter-se maior duração do canavial, e que esses sulcos ou linhas de plantas acompanhem as curvas de nível do terreno. A cultura da cana é talvez a que mais se presta para cobater os efeitos desastrosos da erosão. Quanto às variedades a serem preferidas, dever-se-á consultar o Instituto Agrônomo de Campinas ou as grandes usinas que dispõem de campos experimentais.

A mandioca — Semelhantemente ao que ocorrer com a cana, podemos plantar a mandioca em duas épocas distintas: de agosto em diante, quando houver chuvas, e no fim das águas..

Fim das águas tanto pode ser em fevereiro como em março ou abril, e, portanto, não podemos estabelecer datas precisas. Diremos então que, desde que comecem a diminuir sensivelmente as chuvas, podemos plantar mandioca. Para isso é preciso ter sempre em mente dois detalhes muito importantes, em relação ao melhor momento para iniciar-se a cultura.

a) só se deve empregar rama madura, isto é, que tenha no mínimo um ciclo vegetativo completo. Do contrário, ramos de plantas em seu primeiro ano de vegetação, ainda que vigorosas, produzirão muitas falhas, e a replanta de um mandiocas é operação poucas vezes aconselhável.

b) pelo mesmo motivo acima mencionado, deve-se evitar, sempre que possível, plantar as manivas em época chuvosa. É evidente a ação prejudicial do excesso de umidade sobre o nascimento das plantas.

Ora, há anos em que o mês de fevereiro corre ainda exces-

sivamente chuvoso e, portanto, o início de plantação da mandioca que estamos imaginando neste mês, deve ser adiado para o seguinte.

A soja — A cultura da soja é muito semelhante à do feijão, com a diferença, porém, de que há variedades precoces, de praticamente três meses de ciclo vegetativo completos, outras de quatro meses e até mesmo de cinco.

A soja é cultivada para a obtenção de grãos (de empregos variadíssimos) e para forragem. Com o primeiro fim, procede-se em tudo como na cultura do feijão; com o segundo, cortar-se, para fenar, quando se inicia seu florescimento. No primeiro caso observam-se as distâncias de 0,80 a 1,00 cms., entre as linhas e de 30 a 40 cms. entre as covas, segundo a variedade; no segundo, mantêm-se as distâncias constantes de 30 ou 40 cms., nos dois sentidos.

Sua sementeira pode ser realizada, como a de feijão, em setembro-outubro e fevereiro. Nesta segunda época, só devem ser cultivadas variedades precoces; na primeira, indiferentemente, as de pequeno, de médio ou de grande ciclo vegetativo.

Um detalhe muito importante refere-se à inoculação do solo, pois o bactério fixador de azoto é, no caso da soja, específico. O modo mais prático de a realizarmos é o de sujar as sementes, momentos antes da sementeira, com terra levemente umedecida, rica desse bactério. Essa terra pode ser obtida no Instituto Agronômico de Campinas ou diretamente de culturas notáveis por sua produção.

Em virtude da abundância de chuvas, os trabalhos agrícolas deste mês são ainda difíceis. Não se justifica, contudo, o abandono dos tratamentos culturais, principalmente de certas culturas como a do algodoeiro, por terem entrado na fase final de sua vida. Se para o milho e para outras plantas, as capinas já não desempenham mais papel de relêvo, para outras, como a do algodoeiro, podem trazer prejuízos evidentes em relação à produção e à qualidade do produto.

A LAVOURA EM MARÇO

A batatinha

Notas de autoria do prof. Carlos Teixeira Mendes:

É o mês que marca o fim das águas, em anos normais do clima paulista e o em que se intensificam muitos dos trabalhos agrícolas.

A batatinha — Com mais razão que para o feijão, a batatinha pode ter o início de sua cultura em março, principalmente nas terras silicosas boas, terras essas capazes de manter a vegetação, em tempo seco, por período mais dilatado do que as terras argilosas.

A batatinha, quer plantada em fevereiro, quer plantada em março, pode ter sua produção um pouco diminuída por efeito de secas extemporâneas, que às vezes se iniciam desde cedo. Em anos normais, isso não ocorre, mas, mesmo que se verifique uma pequena diminuição de produção, êsse fato é de sobra compensado, por coincidir a colheita com época fresca e seca (maio e junho), resultando daí um produto mais sã, de mais fácil conservação, o que permite ao agricultor obter melhor remuneração, ao contrário do que ocorre com os tubérculos colhidos em plenas águas, que, por não oferecerem a mesma garantia de conservação, são atirados ao mercado com pressa, determinando êsse fato sensível baixa de preço.

Plante o agricultor em fevereiro ou março, agosto, setembro ou outubro, ver-se-á sempre a braços com o problema das sementes (tubérculos) próprias para a plantação.

Já dissemos, e não é demais repetir, que a semente da batatinha exige um período de repouso, entre a colheita e a futura plantação, no mínimo de três meses. Melhor seria de quatro, o que nem sempre se consegue.

Para que o agricultor saiba se o tubérculo que está comprando sofreu o período de repouso necessário, não é bastante o indicio de brotamento que revela, por isso que muitas vezes é ilusório.

O agricultor deve basear-se no estado de murchidão dos mesmos. Tubérculos duros, lisos, estão indicando que não passaram pelo repouso necessário. Torna-se inútil plantá-los.

O bom tubérculo é aquêle que se mostra meio murcho (não excessivamente), de tamanho médio, com “olhos” dilatados e grossos. Tubérculos colhidos em novembro devem estar bons para serem plantados em março.

A cultura da batatinha é muito perseguida por várias moléstias, que se revelam nas fôlhas, e por insetos.

Para combater aquelas, ou pelo menos atenuar seus efeitos, são muito aconselháveis as pulverizações com a “Calda Bordaleza”. Para combater os insetos que atacam as fôlhas, principalmente a “vaquinha”, devem ser empregadas pulverizações de arseniato de cálcio ou de chumbo, feitas com 400 ou 500 grs. de um desses arseniatos, em cem litros de água.

Na sua falta, pode ser empregado o “Verde Paris”, em pulverizações líquidas ou em pó. Neste caso, mistura-se o “Verde Paris” intimamente com 5 ou 6 vezes seu pêso de farinha de trigo, ou outra tão fina como esta, empregando-se a mistura com a “pertiga”.

Adubação da batatinha

No capítulo das adubações para esta planta, diremos, muito resumidamente, o seguinte:

A batatinha é uma planta muito exigente, tanto em relação às propriedades físicas da terra como em relação às propriedades químicas. Quanto às primeiras, prefere os solos fôfos, frescos, não ácidos e que não permitam água estagnada, mesmo que passageiramente.

Satisfeitas essas condições, exige ainda elementos facilmente assimiláveis, por se tratar de planta de ciclo curto e de vida muito intensa em período mais curto ainda.

A melhor adubação seria a de estêrco de curral ou de “compostos” bem tratados, na proporção de 30 ou 40 mil quilos, ou mesmo mais, por hectare, ambos em adeantado estado

de decomposição, aplicados em cobertura para, logo a seguir, serem enterrados por uma lavra bem feita, tudo isso realizado com antecedência de um ou dois meses.

Na falta destes, ou por se tratar de terras menos gastas, só as adubações minerais poderão suprir convenientemente as deficiências do solo e neste caso, então, **em primeiro lugar, e lugar de grande destaque, as fosfatadas.**

Estas devem ser de superfosfato de cálcio, se as terras não forem ácidas ou, no caso contrário, de um fosfato alcalinizador do solo (Escórias de Thomas, Renaniafosfato, Serranafosfato, ou semelhantes), empregados na proporção de 400 kgs. do primeiro, de 350 kgs., se for o de Thomas, ou 320 kgs. se for de qualquer dos dois últimos, por hectare. Podemos também empregar a farinha de ossos, ainda que de efeitos muito mais lentos.

Dividindo-se os números atrás citados pelo fator 125, ter-se-á a quantidade a empregar por 100 metros de extensão de sulcos, considerando-se que a plantação vai ser feita com 80 cms. entre linhas. Se, entretanto, preferirmos o espaçamento de 1 metro, basta dividir aqueles mesmos números por 100.

Em terras mais gastas ou pobres, aquelas quantidades podem ser aumentadas de, aproximadamente, 20% de seu peso.

Mas o fósforo não é o único elemento exigido. Conforme a terra, o azoto e mesmo o potássio podem ter um papel a desempenhar, porque assim o demonstra a experiência, e como não podemos especificar cada caso particular, diremos, de um modo geral, que o melhor critério a seguir é o seguinte:

Nas boas terras, ainda relativamente férteis, empregar somente os fosfatos atrás citados. Em terras fracas, completar aquelas adubações com mais 260 kgs., por hectare, de Salitre do Chile, ou, melhor ainda, com 220 kgs. de sulfato de amônio. Em terras fracas, muito silicosas, a mistura precedente (fosfato e azoto) deve ser completada com 100kgs., por hectare, de sulfato ou cloreto de potássio.

Tratando-se de plantação de tão curto ciclo vegetativo, as adubações devem ser empregadas no sulco, bem distribuídas,

dias antes da plantação, e como nem os azotados aconselhamos empregar separadamente, convém lembrar que o sulfato de amônio nunca se emprega em mistura com adubos que conduzem a cal livre para o solo, como as do tipo “escórias”, de que atrás já tratamos (Escórias de Thomas, Renaniafosfato, Serranafosfato, etc.). Caso, porém, sejamos forçados a empregar um destes três, e ao mesmo tempo, preferamos empregar o sulfato de amônio, também não é difícil: aplique-se o fosfato ou sua mistura com o potássio antes da plantação, no fundo do sulco, e sobre a terra que cobre os tubérculos, antes mesmo de nascerem as batatinhas, o sulfato de amônio.

NOTÍCIAS E ANÁLISES BIBLIOGRÁFICAS

C. Epling & J. F. Toledo — FLORA BRASÍLICA planejada e iniciada por F. C. Hoehne. Fasc. 7, vol. XLVIII; 1 - 14 — **Labiadas**. (Chave geral para as tribus e gêneros da família e a descrição de 14 gêneros e 90 espécies ilustradas em 42 tábulas, das quais 2 em cores naturais, além de 4 clichês intercalados ao texto). Instituto de Botânica da Secretaria da Agricultura — São Paulo — 1943.

Iwar Beckmann — OS NOVOS TRIGOS “RIO NEGRO” E “FRONTANA” A LUZ DA COLABORAÇÃO EXPERIMENTAL. Boletim n.º 101 da Secretaria da Agricultura — Porto Alegre — 1943.

J. P. da Costa Neto — FUNGOS DO RIO GRANDE DO SUL, OBSERVADOS NOS ANOS DE 1940-41. Boletim n. 99 — Secretaria da Agricultura — Porto Alegre — 1943.

AS ATIVIDADES DA ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE ARROZ DE GRAVATAÍ — Conferências e discursos pronunciados na reunião de rizicultores realizada em 20 de Fevereiro de 1943. — Boletim n.º 102 — Secretaria da Agricultura — Porto Alegre — 1943.

Irmão Augusto e Irmão Edesio — FLORA DO RIO GRANDE DO SUL — FAMÍLIA DAS ESCROFULARIACEAS — Boletim 104. Secretaria da Agricultura — Porto Alegre — 1943.

CALENDÁRIO OVINO, JANEIRO E DEZEMBRO — Circular n.º 52 — Secretaria da Agricultura — Porto Alegre — 1943.

G. Bergeret e P. Campiglia — EL ARROZ COMO ALIMENTO — Apartado de la Revista de la Asociacion de Ingenieros Agronomos, n. 2, 1943 — Montevideo.

P. Menendez Lees — RELACION DE ALGUNAS INVESTIGACIONES FRIGORIFICAS REALIZADAS EN EL CURSO DEL AÑO 1942 SOBRE CONSERVACION DE PRODUCTOS DE ORIGEN VEGETAL — Apartado de la Revista de la Asociacion de Ingenieros Agronomos, n.º 2 — 1943 — Montevideo.

Fernando Costa — PROBLEMAS ECONÔMICOS DO BRASIL — (Discursos e entrevistas). Atividades político-administrativas como presidente do D.N.C. e como Ministro de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio — Imprensa Oficial do Estado — São Paulo — 1943.

V. A. Ekstrom — MARKETING THE ILLINOIS PEACH CROP — Bulletin 492 — University of Illinois — Agricultural Experiment Station — Urbana — 1942.

Einar Alberto Kok — O FARELO DE RASPAS DE MANDIOCA NA ALIMENTAÇÃO DOS ANIMAIS — Boletim n.º 35 — Departamento da Produção Animal — Secretaria da Agricultura — São Paulo — 1943.

Einar Alberto Kok, Breno M. de Andrade e L. de Barros Machado — O CAPIM DE RHODES — Boletim n.º 25 — Departamento da Produção Animal — Secretaria da Agricultura — São Paulo — 1942.

Einar Alberto Kok e R. Nelson Guaragna — SILOS TRINCHEIRA — Boletim n.º 23 — Departamento da Produção Animal — Secretaria da Agricultura — São Paulo — 1943.

Einar Alberto Kok — O FARELO DE ALGODÃO NO ARRANCOAMENTO DOS ANIMAIS — Boletim n.º 21 — Departamento da Produção Animal — Secretaria da Agricultura — São Paulo — 1942.

P. Menendez Lees e H. P. Tomeo Ibarra — CARACTERÍSTICAS DE DIEZ Y OCHO MUESTRAS DE CERA DE ABEJA PROCEDENTES DE COLMENARES DE DIFERENTES ZONAS DEL URUGUAY — Apartado de la Revista de la Asociación de Ingenieros Agronomos — N.º 1 — 1943 — Montevideo.

José M. Bergero — BREVE ESBOZO DE LA IMPORTANCIA DE LA METEOROLOGIA — Apartado de la Revista de la Asociación Rural del Uruguay — Enero de 1943 — Montevideo.

José M. Bergero — BREVES LINEAMIENTOS RESPECTO AL CLIMA DEL URUGUAY — Apartado de la Revista de la Asociación Rural del Uruguay — Março de 1943 — Montevideo.

P. Menendez Lees, G. Bergeret e A. M. Etchandy — TEMPERATURAS DE CONGELACION EN FRUTAS DEL URUGUAY

GUAY — Apartado de la Revista de la Asociacion de Ingenieros Agronomos — N.º 3 — 1943 — Montevideo.

E. C. Clos — CULTIVOS INDUSTRIALES — Boletin de la catedra de Agricultura — 2.a parte, Tomo II, n.º 9 — Universidad Nacional de la Plata — Facultad de Agronomia — La Plata — 1943.

Francisco de Fuccio — A SÍFILIS — Como a considera o povo e o que realmente é. Causas e consequências. Meios de evitá-la. Possibilidades de cura. O perigo dos curandeiros. Religião e medicina. — Cultura Popular — Atena Editora — São Paulo — 1943.

Uma apreciação sôbre

“A Pecuária Cearense e seu Melhoramento”

Um livro técnico é de difícil apreciação: não só requer estudos especializados como também, ao lado dos conhecimentos teóricos prôpriamente ditos, obriga a uma série de trabalhos práticos, pesquisas, observações continuadas e experimentações. Ainda há a considerar que o assunto técnico **estricto sensu**, obtém um número reduzido de leitores, limitando assim, quase sempre, o propósito do autor, que é o de ampliar os conhecimentos de maior número de interessados.

A técnica do prof. Octavio Domingues podemos dizer que é diferente.

No seu belo livro **A PECUÁRIA CEARENSE E SEU MELHORAMENTO**, não existe apenas essa preocupação de limitar o assunto a que o título se refere. Faz o autor um estudo amplo da matéria que focaliza, sob um ponto de vista de verdadeiro

pesquisador e, por êsse motivo, não seria difícil afirmar que seu trabalho pode ser dividido em duas partes: a primeira é um apanhado histórico, geográfico e etnológico da vida do criador cearense; a segunda, constituída por valiosas indicações puramente zootécnicas.

Quando dizemos que o professor Octavio Domingues fez história, geografia humana e etnologia, não fugimos da verdade: inicia o seu trabalho com um pequeno histórico sobre a importância da pecuária no Ceará, referindo-se à íntima dependência com o lar sertanejo, as grandes charqueadas de Aracati que a seca destruiu em 1792, a influência do gado na povoação do Estado, as primeiras fazendas nos campos de Jaguaribe; e suas apreciações são tão claras e de tão agradável leitura que, como num caleidoscópio, as descrições se sucedem precisas e harmoniosamente.

Seus conhecimentos de geografia humana, perfeitamente em dia, são também levados em conta. Assim é que, referindo-se às regiões pastoris, explica as suas correlações com os centros populosos da orla marítima, com o sertão e com o sertão açudado, trazendo dados estatísticos fornecidos pela Diretoria de Estatística da Produção, do M. de A., nos anos de 1920, 35 e 37, sobre a pecuária.

No entanto, um dos trechos mais vivos da sua obra são os seus estudos etnológicos: suas observações sobre a "fazenda", tratando do aspecto externo, as terras que a circundam inteiramente abertas, reflexo da alma sertaneja, seus campos que somente agora estão sendo cercados, as "casas grandes" com amplos cômodos, alpendre com rêde e local onde estão pendurados os arreios e selas, laços e cordas; o mobiliário escasso e nas proximidades da "casa grande", a casa do vaqueiro, menor, mais pobre, coberta de palha de carnaúba, com iluminação a querosene. A particularidade dos currais serem do lado direi-

to da casa, e os chiqueiros do lado esquerdo, posições que, sendo obedecidas, determinam a prosperidade da fazenda. A alimentação do vaqueiro, que tempera sua energia física com carne, farinha, rapadura e leite.

Descreve detalhadamente a indumentária de couro do vaqueiro e do que é usado para o cavalo, e ainda se refere a um pormenor da vida do sertanejo: sua rotina no serviço, decorrente do isolamento em que vive.

Não deixa o prof. Octavio Domingues também de se referir às crendices que acompanham o vaqueiro, ligadas às atividades pastorís, notadamente no que se refere à cura de certas moléstias do gado: a cura da bicheira pelo "rumo", pelo "ras-to", pelo "babelo da rês", com acompanhamento de rezas especiais.

A segunda parte, dissemos acima, é técnica, tratando do "fator meio", isto é, os campos apropriados à criação, os vegetais aí encontrados, as formas diversas de armazenar pasto, os bebedouros, currais, a assistência e higiene veterinária. Trata ainda do "fator raça", notando-se seu conhecimento profundo, sua preocupação constante na indicação de meios para uma melhoria da raça através da alimentação adequada, e do provimento d'água com abundância suficiente, trazendo sugestões proveitosas, praticáveis e assentadas em sólidas bases científicas.

É, pois, o livro do prof. Octavio Domingues, muito mais do que diz seu modesto título: é um trabalho básico para o conhecimento da vida do vaqueiro cearense.

M. V.